



paradoxo
consultoria

www.paradoxoconsultoria.com.br

Brasília como Centro de Referência em Inovação e Sustentabilidade no Turismo

CARLOS ÁGUEDO PAIVA

11 DE NOVEMBRO DE 2019

FACULDADE DE TECNOLOGIA DO SENAC-DF

Categorias centrais



Antes de mais nada, precisamos

- ▶ Diferenciar as diversas concepções de
- ▶ INOVAÇÃO
 - ▶ no senso comum
 - ▶ para o engenheiro e tecnólogo
 - ▶ para o economista
- ▶ TURISMO
 - para o turismólogo
 - para o economista

Não se trata de pretender que uma é melhor que outra.

Elas cumprem papéis distintos. Precisamos entendê-los.

INOVAÇÃO



Inovação Senso Comum

- ▶ No senso comum, inovar é simplesmente “fazer as coisas de um jeito original de forma a mudar para melhor”.
- ▶ Por isto, virou um lugar comum dizer que a inovação é a base do desenvolvimento.
- ▶ Afinal, o desenvolvimento não é nada mais, nada menos do que uma “grande mudança para melhor”. Não é mais do que “um conjunto de inovações”. Por definição.
- ▶ Dizer que a inovação (mudança para melhor) é a base do desenvolvimento (grande mudança para melhor) é uma forma de dar um sabor inteligente para algo que, no fundo, não quer dizer nada.
- ▶ Se inovar é mudar para melhor e desenvolver é mudar para melhor, dizer que a inovação é a base do desenvolvimento é o mesmo que dizer que **“mudar para melhor é a base de mudar para melhor”**

Inovação para o Engenheiro e Tecnólogo

- ▶ Aqui, sim, já temos uma categoria com conteúdo claro. Para aquele que olha o mundo com a perspectiva tecnicista, inovação
- ▶ **É o aumento da capacidade produtiva, da eficiência, da produtividade e da qualidade com a diminuição do uso de recursos fálveis e flexíveis e a intensificação de recursos programáveis, rigorosos e infálveis.**
- ▶ Como regra virtualmente universal a definição acima traduz-se em: mais precisão, mais maquinário, **mais matéria-prima processada e mais produto por unidade de tempo com menos mão-de-obra.**
- ▶ **Vale dizer: mais tecnologia, mais investimento, mais máquina.**

Inovação para o Economista

- ▶ A medida de tudo para os economistas é (temos que reconhecer) o vil metal. Inovação
- ▶ **Mais dinheiro com menos custo; mais renda com menos dispêndio de capital fixo e/ou circulante**
- ▶ Taylor, Ford e Ohno (da Toyota) foram os maiores inovadores no sentido econômico. Nenhum deles realizou qualquer revolução tecnológica. Apenas poupavam recursos, usando melhor o que já tinham. Viram que precisavam ensinar os trabalhadores a trabalhar de “outro jeito”.
- ▶ Nem tudo é tecnologia. Nem tudo envolve novos investimentos. **Muitas vezes os recursos já estão na firma. Ociosos e mal utilizados.** Não há que se endividar. Pelo contrário. Inovar é usar o que não está sendo usado. E não é visto. É perceber o que está ocioso. Edith Penrose ensina isto.
- ▶ **CADA FIRMA É UMA FIRMA! INOVA TU!!**

A Inovação em Schumpeter (Citações do TDE)

- ▶ Muitas vezes, no processo produtivo, vemos mudanças recomendadas [pelo corpo técnico] rejeitadas pelo [responsável pela gestão econômica]. Por exemplo, o engenheiro pode recomendar um novo processo que o diretor comercial rejeita com o argumento de que não compensará.
- ▶ A lógica econômica prevalece sobre a tecnológica. E em consequência vemos na vida real por toda a parte à nossa volta cordas rotas em vez de cabos de aço, animais de tração defeituosos ao invés de linhagens de exposição, o trabalho manual mais primitivo ao invés de máquinas perfeitas, e assim por diante. O ótimo econômico e o perfeito tecnologicamente não precisam divergir, no entanto o fazem com frequência, não apenas por causa da ignorância e da indolência, mas porque métodos que são tecnologicamente inferiores ainda podem ser os que melhor se ajustam às condições econômicas dadas.

ENTENDENDO A DIFERENÇA INOVAÇÃO ECONOMISTA x ENGENHEIRO

- ▶ Quando lemos a passagem de Schumpeter para engenheiros anunciando a diferença, usualmente gera mais desconcerto do que compreensão, pois eles acreditam avaliar os “custos” e dizem que só tomam inovação por aquilo que “se paga”.
- ▶ O problema, para nós, é a forma de cálculo de custeio e retorno. Os economistas avaliam todas as formas de rentabilidade, todas as alternativas de ganho. Não só no projeto produtivo, mas em todas as alternativas financeiras ao alcance do negócio. Não tomamos o mercado como assegurado. Reconhecemos que o ciclo é inerente aos negócios. Desconfiamos das projeções e das certezas de demanda futura. Temos muito respeito por análises técnicas. Jamais voaríamos numa aeronave projetada por um economista. Mas, igualmente bem, nos damos ao direito de questionar o custeio e a avaliação de rentabilidade dos engenheiros civis, mecânicos e aeronáuticos. Por mais estranho que isto, em geral, lhes pareça.
- ▶ Simultaneamente, o sentido de “ganho” para nós, economistas, é um tanto distinto. O ganho varia a partir de quem investe. Para o Estado, o ganho usualmente é maximizar o Valor Agregado, o Emprego e os Tributos. Neste sentido, mais emprego e mais salários, é mais “ganho”. Nem sempre mais “produtividade”, menos “emprego”, é “mais ganho”. DF-BRB já tem desemprego suficiente. Automatizar é gerar mais desemprego. Não será mais “ganho” em sentido algum. Pelo menos, não para um economista a serviço do Estado.



Turismo



Turismo para o Turismólogo e Entidades vinculadas ao Turismo

- ▶ Turismo, segundo a Organização das Nações Unidas e a Organização Mundial do Turismo é a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por um período superior a um dia e inferior a um ano com propósito principal de lazer e/ou distintas do exercício de atividade remunerada por entidade do local visitado.

Turismo para o Economista (1)

- ▶ O Economista quando pensa um território está interessado numa única questão: como se estabelece o equilíbrio nas balanças comercial, de transações correntes e de pagamentos deste espaço? Existe uma conta – a Conta Turismo – que faz parte da Conta Serviços (interna a Transações Correntes) que ajuda a explicar este equilíbrio.
- ▶ Vamos simplificar ao máximo o raciocínio. Nada de dificuldade desnecessária.
- ▶ Imaginem uma cidade pequena. Ela compra muita coisa de fora. A loja de roupas compra roupas para revender. Onde o dono da loja tira o dinheiro para pagar. Das compras dos clientes, claro. E donde estes tiram seu dinheiro? Como eles obtêm recursos?

Turismo para o Economista (2)

► São 4 as possibilidades.

- 1) Eles produzem algum produto – soja, p. ex. - e vendem para outros municípios, regiões ou até para o exterior;
- 2) Eles prestam serviços de educação, saúde, comércio e assistência técnica e jurídica para domiciliados em outros municípios do entorno que gastam suas rendas-recursos na cidade;
- 3) Eles vendem produtos para aposentados que recebem pensões do Estado e optaram por domiciliarem-se no município (por ser bonito e tranquilo): todo o comércio é mobilizado pelos recursos destes “bons velhinhos”;
- 4) O governo instalou uma mega Universidade (e/ou uma base aérea na fronteira) e os assalariados federais sustentam o comércio local. O ingresso da folha de pagamentos do Governo Federal é multiplicada na rede de comércio local e sustenta as importações de alimentos e vestuário da comunidade..

Turismo para Economistas (3)

- ▶ No primeiro caso, o equilíbrio da balança comercial do município dá-se pela própria **balança comercial**: as “importações” são pagas com as “exportações” de soja.
- ▶ No segundo e no terceiro caso a balança comercial é deficitária, mas a balança de serviços compensa. Na realidade, pela sub-conta TURISMO.
- ▶ No quarto caso, a balança comercial é equilibrada pela Balança de Rendas, definida por transferências Governamentais.
- ▶ Em suma: o equilíbrio se dá por três vias, cujas siglas são
 - ▶ Exportação (X)
 - ▶ Turismo (TrS)
 - ▶ Gastos Governamentais (G)

Turista para Economista (4)

- ▶ Enfim: para a classificação do economista, há três formas de equilíbrio: a primeira é COMERCIAL; a segunda é por serviços de **TURISMO** (pessoas se deslocam até o município, ingressam com renda adquirida fora e garantem o equilíbrio); e a terceira é transferência GOVERNAMENTAL
- ▶ Não importa, para nós, se o agente passou meia hora no local, ou dois anos: se sua renda é oriunda de outra localidade, ele está “aqui” por opção, despende a renda “aqui” por opção, e contribui para equilibrar as contas regionais, é turista.
- ▶ Este tipo de agente move economias tão díspares quanto Pantano Grande no RS (BR-290 x BR-450), Fort Lauderdale na Flórida, Algarves em Portugal e Torres no Litoral Norte do RS em baixa temporada. Mas estão fora do espectro de “turista” da OMT. Para nós, economistas, são “turistas”, sem sombra de dúvida.
- ▶ Ora, toda a cidade de serviços é, também, uma cidade “turística”

DISTRITO FEDERAL E BRASÍLIA



Qual a importância das questões anteriores para nós?

- ▶ Enorme! E por diversos motivos.
- ▶ Em primeiro lugar, porque no sentido **econômico**, Brasília e o Distrito Federal já são - respectivamente – uma cidade e uma Unidade Federada “turística”. DF-BRB não são exportadores.
- ▶ São impulsionados por gastos governamentais, sem dúvida. Mas este motor (sabemos e veremos) está perdendo fôlego.
- ▶ O segundo motor de DF-BRB são os serviços ... “turísticos”. Vejamos.
- ▶ A economia do DF-BRB é mobilizada essencialmente pela prestação de serviço. Parcela expressiva destes serviços são demandados por agentes que ingressam desde fora e que auferem sua renda externamente mas despendem parcela da mesma aqui, como “turistas” de serviços tradicionais e peculiares. Médicos, educacionais, políticos, institucionais, peticionais, lobbysticos, o que seja. Até culturais e de lazer. Mas são crescentes e abundantes. Vejam alguns resultados.

Nome do Aeroporto	Passageiros Pagantes 2018	% Passageiros no BR
São Paulo - Guarulhos	41.231.834	19,56%
São Paulo - Congonhas	21.636.043	10,26%
Brasília	17.542.883	8,32%
Rio De Janeiro - Galeão	14.826.283	7,03%
Campinas	8.714.602	4,13%
Belo Horizonte - Confins	10.256.169	4,86%
Rio De Janeiro - Santos Dumont	9.028.591	4,28%
Recife	8.280.263	3,93%
Porto Alegre	8.105.795	3,84%
Salvador	7.709.417	3,66%

Fonte: ANAC

MAIS. MUITO MAIS.

- ▶ Segundo a Pesquisa do Serviço de Hospedagens do IBGE de 2016 (PSH), Brasília tinha, à época, um número de habitações em hotéis e similares (18 mil) superior a qualquer outra capital do país, exceto São Paulo (que contava com 61 mil vagas) e Rio de Janeiro (com 38 mil vagas). Brasília superava Fortaleza (pouco mais de 13 mil), Salvador (16 mil) e Belo Horizonte (17 mil e 300).
- ▶ E o mais interessante é que, de uma certa forma, o PSH trouxe à luz que o sistema de hospedagem de DF-BRB pode se desenvolver mais. Tem muito para inovar. Enquanto no Brasil, 85% dos estabelecimentos hoteleiros e similares têm menos de 50 unidades habitacionais, em Brasília quase 40% dos hotéis e similares oferecem mais de 50 unidades. Brasília ainda não conta com um bom sistema de *hostels* e pousadas. Tem muito para crescer no segmento de recepção do turista de mochila. E ele tem potencial neste território. Como veremos.

Crise, Turismo e emprego

- ▶ A taxa de crescimento da Economia Brasileira não tem sido propriamente alvissareira nos últimos anos. É bem verdade que algumas regiões têm se saído melhor que outras. Mas, infelizmente, este não tem sido exatamente o caso do Distrito Federal. As regiões mais bem sucedidas tem sido as regiões impulsionadas pelo boom das commodities agrícolas. As regiões menos aquinhoadas têm sido de dois tipos:
 - ▶ 1) as que receberam o impacto da concorrência externa e vêm se desindustrializando (São Paulo e Rio de Janeiro à frente)
 - ▶ 2) as que receberam com mais intensidade o impacto do programa de ajuste macroeconômico de ajuste fiscal e corte nos gastos públicos (regiões movidas a gastos públicos e muito dependentes de salários do funcionalismo, como o Distrito Federal). As duas próximas tabelas revelam este revés.

PARTICIPAÇÃO DAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO NO VAB TOTAL DO PAÍS 2002-16

UF	Participação Média		Variação % ao longo do Período				Correl VAB e Temp	
	2002-2004	2014-2016	Ponto %	Rank	Var Perc.	Rank	Correl	Sig
MT	1,56%	1,93%	0,371%	1	23,8%	3	0,7189	0,002
MS	1,23%	1,46%	0,230%	8	18,7%	5	0,7870	0,000
GO	2,72%	2,98%	0,262%	7	9,6%	13	0,8926	0,000
DF	3,54%	3,62%	0,086%	14	2,4%	20	0,0452	0,868
TO	0,39%	0,50%	0,115%	13	29,5%	2	0,9449	0,000
RO	0,56%	0,63%	0,075%	16	13,4%	9	0,7987	0,000
AC	0,21%	0,24%	0,028%	18	13,5%	8	0,7853	0,000
AM	1,47%	1,42%	-0,052%	22	-3,5%	23	-0,3295	0,213
RR	0,17%	0,18%	0,019%	20	11,3%	12	0,7765	0,000
PA	1,92%	2,29%	0,366%	2	19,0%	4	0,8444	0,000
AM	0,22%	0,25%	0,027%	19	12,3%	11	0,7474	0,001
MG	8,58%	8,94%	0,362%	3	4,2%	18	0,5763	0,019
ES	1,80%	1,95%	0,153%	11	8,5%	15	0,3283	0,214
RJ	12,13%	10,82%	-1,314%	26	-10,8%	27	-0,7601	0,001
SP	33,29%	31,53%	-1,761%	27	-5,3%	25	-0,8574	0,000
PR	6,35%	6,29%	-0,060%	23	-0,9%	22	0,0336	0,902
SC	3,79%	4,07%	0,281%	6	7,4%	16	0,9272	0,000
RS	6,78%	6,42%	-0,356%	25	-5,3%	24	-0,3455	0,190
MA	1,19%	1,38%	0,184%	9	15,4%	6	0,8398	0,000
PI	0,50%	0,68%	0,178%	10	35,4%	1	0,9537	0,000
CE	1,95%	2,23%	0,282%	5	14,4%	7	0,9018	0,000
RN	0,92%	0,98%	0,058%	17	6,3%	17	0,6007	0,014
PB	0,88%	0,96%	0,082%	15	9,3%	14	0,7028	0,002
PE	2,36%	2,65%	0,294%	4	12,5%	10	0,8231	0,000
AL	0,80%	0,80%	0,003%	21	0,4%	21	-0,0375	0,890
SE	0,72%	0,66%	-0,062%	24	-8,6%	26	-0,7652	0,001
BA	3,97%	4,12%	0,149%	12	3,7%	19	0,2814	0,291

Participação Percentual na Renda Nacional

Território	X	ANO					VAR
	Categoria de Rendimento	2010	2011	2012	2013	2014	
Região Centro Oeste	Valor Adicionado Bruto	9,27%	9,32%	9,42%	9,32%	9,63%	0,242%
	Salários	9,75%	9,77%	9,75%	9,64%	9,70%	-0,077%
	Impostos Líquidos de Sub	0,0826	0,08	0,0795	0,0769	0,0776	-0,437%
	Exc Ope e Rend Mist Bruto	0,0887	0,0896	0,094	0,0909	0,0961	0,537%
Mato Grosso do Sul	Valor Adicionado Bruto	1,26%	1,30%	1,33%	1,34%	1,42%	0,121%
	Salários	1,19%	1,22%	1,21%	1,24%	1,24%	0,040%
	Impostos Líquidos de Sub	0,99%	1,02%	1,02%	1,00%	1,05%	0,033%
	Exc Ope e Rend Mist Bruto	1,35%	1,41%	1,41%	1,48%	1,62%	0,203%
Mato Grosso	Valor Adicionado Bruto	1,51%	1,66%	1,72%	1,72%	1,83%	0,235%
	Salários	1,39%	1,43%	1,46%	1,49%	1,54%	0,120%
	Impostos Líquidos de Sub	1,18%	1,10%	1,19%	1,27%	1,22%	0,083%
	Exc Ope e Rend Mist Bruto	1,64%	1,94%	2,06%	2,03%	2,18%	0,390%
Goiás	Valor Adicionado Bruto	2,82%	2,83%	2,99%	2,94%	2,95%	0,120%
	Salários	2,55%	2,62%	2,66%	2,69%	2,68%	0,110%
	Impostos Líquidos de Sub	2,31%	2,45%	2,24%	2,23%	2,29%	-0,087%
	Exc Ope e Rend Mist Bruto	3,15%	3,09%	3,41%	3,26%	3,27%	0,137%
Distrito Federal	Valor Adicionado Bruto	3,68%	3,54%	3,38%	3,31%	3,44%	-0,235%
	Salários	4,62%	4,50%	4,24%	4,22%	4,24%	-0,347%
	Impostos Líquidos de Sub	3,76%	3,43%	3,52%	3,18%	3,20%	-0,457%
	Exc Ope e Rend Mist Bruto	2,72%	2,52%	2,44%	2,31%	2,54%	-0,190%

JUNTANDO AS PARTES (1)

- ▶ DF-Brasília conta com uma infraestrutura de serviços de apoio ao turismo absolutamente ímpar, desde o deslocamento até a hospedagem.
- ▶ A cidade mesma é uma **obra prima arquitetônica** que não alcançou explorar todo o valor artístico-turístico (no sentido mais restrito, menos “econômico” do termo) que possui. E isso por circunstâncias que precisam ser tratadas e superadas com urgência. Do meu ponto de vista, há regras demais sufocando o desabrochar de Brasília. Urge tratar disto. Aqui é preciso INOVAR.
- ▶ Em Brasília há tanta regulamentação, que a cidade que foi pensada para uma ode à harmonia entre a natureza e a arte tornou-se uma ode ao aconchambo. Faz-se tanta exigência para abrir um bar que há mais comércio informal na Esplanada dos Ministérios do que na orla de algumas praias de periferia.
- ▶ Quem foi o agente esquecido do planejamento da Esplanada dos ministérios? Para quem não havia um lugar para descansar à sombra e tomar um limonada.
- ▶ **ELE, EXATAMENTE ELE: O TURISTA! PRECISAMOS FALAR SOBRE O TURISTA POIS ELE JÁ É CENTRAL NA VIDA DE BRASÍLIA. E SERÁ AINDA MAIS, DAQUI PARA FRENTE.**

JUNTANDOS AS PARTES (2)

- ▶ Brasília é o maior e o mais complexo polo urbano prestador de serviços complexos do Brasil Central. E por ainda se encontrar muito próximo dos polos do leste, é um atrator de migrantes destes polos na transição para Oeste. Segundo o IBGE (veja a próxima lâmina) vai crescer muito no plano demográfico nas próximas décadas. **Mas não se transformará um polo agroindustrial.**
- ▶ Seu crescimento econômico foi puxado pelo setor público. E há limites históricos para um crescimento baseado nesta força “propulsiva”. Limites exacerbados na atual conjuntura
- ▶ Porém, o sistema de serviços criado a partir dos estímulos do Estado deu uma vantagem competitiva a DF-BRB por “sinergia”: O TURISMO. Este é um setor altamente empregador. E DF-BRB já vive uma situação de elevada e preocupante taxa de desemprego (segunda lâmina abaixo). Se conta com potencial de crescimento no setor turístico URGE explorar este potencial.
- ▶ Em parte, este potencial é indissociável da história de construção de DF-BRB e de seus candangos. DF-BRB é Brasil. E tem uma culinária brasileira. É nordestina, centro-oestina e cosmopolita. É turística também nisto. Mas não é só isto. Senão vejamos.

Território		Intervalo de Tempo			Rank Var
		2010-25	2010-30	2020-30	
Nação	Brasil	12,461%	15,410%	6,159%	X
Região	Norte	21,850%	27,710%	11,072%	1
	Nordeste	8,338%	10,219%	4,137%	5
	Sudeste	11,922%	14,595%	5,696%	3
	Sul	11,738%	14,431%	5,743%	4
	Centro-Oeste	21,903%	27,669%	10,885%	2
Unidade da Federação	Distrito Federal	22,899%	29,003%	11,406%	6
	Goiás	23,836%	29,993%	11,505%	5
	Mato Grosso	20,034%	25,459%	10,374%	8
	Mato Grosso do Sul	18,438%	23,314%	9,387%	11
	Tocantins	18,395%	23,528%	9,705%	10
	Rondônia	18,060%	22,657%	9,055%	12
	Acre	24,878%	32,186%	12,969%	4
	Amazonas	27,143%	34,930%	13,741%	3
	Roraima	55,208%	62,615%	20,225%	1
	Pará	17,342%	22,083%	8,985%	13
	Amapá	35,528%	45,815%	17,242%	2
	Maranhão	8,717%	11,001%	4,723%	22
	Piauí	3,767%	4,239%	1,466%	27
	Ceará	9,444%	11,595%	4,723%	19
	Rio Grande do Norte	13,014%	16,219%	6,478%	16
	Paraíba	7,722%	9,528%	4,136%	23
	Pernambuco	9,924%	12,376%	5,121%	18
	Alagoas	6,851%	8,443%	3,402%	24
	Sergipe	14,442%	18,107%	7,324%	14
	Bahia	6,055%	7,061%	2,568%	26
	Minas Gerais	9,446%	11,349%	4,324%	20
	Espírito Santo	19,017%	24,000%	9,613%	9
	Rio de Janeiro	9,305%	11,187%	4,323%	21
	São Paulo	13,497%	16,640%	6,499%	15
	Paraná	11,738%	14,504%	5,842%	17
Santa Catarina	20,737%	26,145%	10,390%	7	
Rio Grande do Sul	6,500%	7,540%	2,691%	25	

Fonte dos Dados Brutos: IBGE, Projeção População, 2018

Taxa de Desocupação

UF	Trimestre 2019	
	Primeiro	Segundo
MS	9,50%	8,30%
MT	9,10%	8,30%
GO	10,70%	10,50%
DF	14,10%	13,70%

IBGE - PNAD CONTÍNUA

E A SUSTENTABILIDADE?



Ai esta terra ainda vai cumprir seu ideal

- ▶ Brasília foi planejada e implantada para internalizar o Brasil. Para que o Brasil conhecesse o Brasil.
- ▶ Mais do que nunca, com a revolução dos meios de transporte e comunicação, esta é a função que DF-Brasília pode e deve cumprir.
- ▶ Brasília já é o terceiro destino de voos pagos do Brasil mas ainda não cumpre todo o seu potencial de interiorização, de “meio-caminho-andado”. Para tanto, seria preciso linkar DF-BRB com destinos a oeste.
- ▶ Em primeiro lugar, como o pouco conhecido Brasil histórico das Minas de Goiás (Pirinópolis e Goiás Velho) e panorâmico (Serra dos Viadinhos) dentre outros tantos do entorno.

O Brasil não conhece o Brasil, o Brasil nunca foi ao Brasil

- ▶ Mas isto é só o início. Inovar também é resgatar reinventando. O sistema Turístico de DF-BRB tem que retomar o PONTA A PONTA MAIS UM PONTO como um programa REGIONAL!
- ▶ Vem-se de Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Buenos Aires, Paris, Nova Iorque e Santiago do Chile a Brasília
- ▶ E volta-se a estas localidades sem se visitar o Pantanal, a Ilha do Bananal, Bonito, Belém do Pará ou Manaus.
- ▶ Por quê? Se o aeroporto de BRB (ou o sistema rodoviário, ou as agências de turismo) tem **voos** ou **conexões** (ou podem criar pacotes!) para todos estes locais? E é de interesse local e nacional promover estes destinos turísticos. E o ponta a ponta mais um ponto (BRB) é do interesse da rede hoteleira e do sistema turístico brasileiro? E gera emprego no DF?

Contribuindo para a integração Nacional, enfrentando o Aquecimento Global

- ▶ O turismo interno rompe barreiras políticas e culturais, a compreensão recíproca e o respeito. Integra, inclui e apazigua. DF-BRB cumprem seu ideal.
- ▶ Mas o o DF-BRB está dando uma contribuição muito maior para o país e para o globo ao integrar o Brasil Atlântico ao “Brasil Insólito”, “Amazônico”, “Pantaneiro”, “Selvagem” e “Rústico”. Ele estará contribuindo para a expansão de uma frente alternativa e cada vez mais expressiva de geração de valor e riqueza via exploração rigorosamente sustentável de recursos naturais escassos e irreprodutíveis.

Um país único, absolutamente único

- ▶ O Brasil é o único país do mundo que ainda conta com uma ampla fronteira agrícola aberta. O Cerrado ainda não foi totalmente explorado produtivamente. Assim como muitos outros biomas. Menos de 30% de nosso território está submetido à exploração produtiva. É fato.
- ▶ Mas, até quando?
- ▶ Há abundância de alimentos no mundo? Sim. Assim como há abundância de riqueza. E nem por isso a distribuição torna-se mais fácil.
- ▶ O Brasil é o único país do mundo que pode ter 3 safras de verão no mesmo ano. E que conta com recursos hídricos para obtê-la. A China quer comer. E tem dinheiro.
- ▶ Se não houver alternativa financeiramente rentável para o agente rural, ele não resistirá a uma demanda tão forte: **alimente quem tem fome e ganhe dinheiro!**



O Turismo Sustentável Salva?

- ▶ Claro que não! A crise que vivemos é sistêmica. É cultural, é política, é tecnológica (baseada no uso e abuso de combustíveis fósseis) e é global (não é só brasileira). Ela não vai se resolver a partir da adoção de uma estratégia de desenvolvimento centrada no turismo por parte de DF-BRB, com ênfase no Turismo Eco-Sustentável de integração com o Oeste Brasileiro. Mas há que começar por alguma parte. E cada um faz a sua parte.
- ▶ Esta é uma ideia que nós temos que abraçar. Pois ela é **INOVADORA NO SENTIDO DE SCHUMPETER-PENROSE: aproveita recursos ociosos, resolve problemas reais, solidariza interesses, promove o bem estar, o crescimento, a inclusão social e a sustentabilidade. E é tão óbvia que corre o risco de passar despercebida pela maioria.**



Muito Obrigado!



paradoxoconsultoria@gmail.com



facebook.com/paradoxoconsultoria

